

Campinas tira pacientes de manicômio

Ex-internos de hospital psiquiátrico passam a viver em casa aberta para retomar o convívio social

LINA DE ALBUQUERQUE

Depois de ter vivido 40 anos nas dependências do Hospital Psiquiátrico Cândido Ferreira, em Campinas, Ana Lupiane, de 69 anos, começa a pôr em ordem a sua casa. Junto de outros 26 pacientes daquele manicômio, Ana está morando desde agosto na "Casa Primavera", local destinado a restabelecer o convívio social de antigos doentes que já perderam os vínculos familiares. Como membros de uma nova família, os ex-internos dividem as tarefas domésticas. São responsáveis pela alimentação dos cães, limpeza dos cômodos e manutenção da horta do quintal.

Experiências como essa serão discutidas nesse final de semana, na Universidade Federal de Curitiba, por defensores do projeto de extinção dos manicômios no Brasil. De autoria do deputado Paulo Delgado (PT-MG), o projeto foi aprovado pela Câmara dos Deputados no dia 14 de dezembro, mas ainda deverá ser avaliado pelo Senado. O encontro está sendo organizado pelo ator e teatrólogo Austregésilo Carrano, autor do

livro autobiográfico *Canto dos Malditos*, em que descreve a sua saga por diversos hospitais psiquiátricos brasileiros.

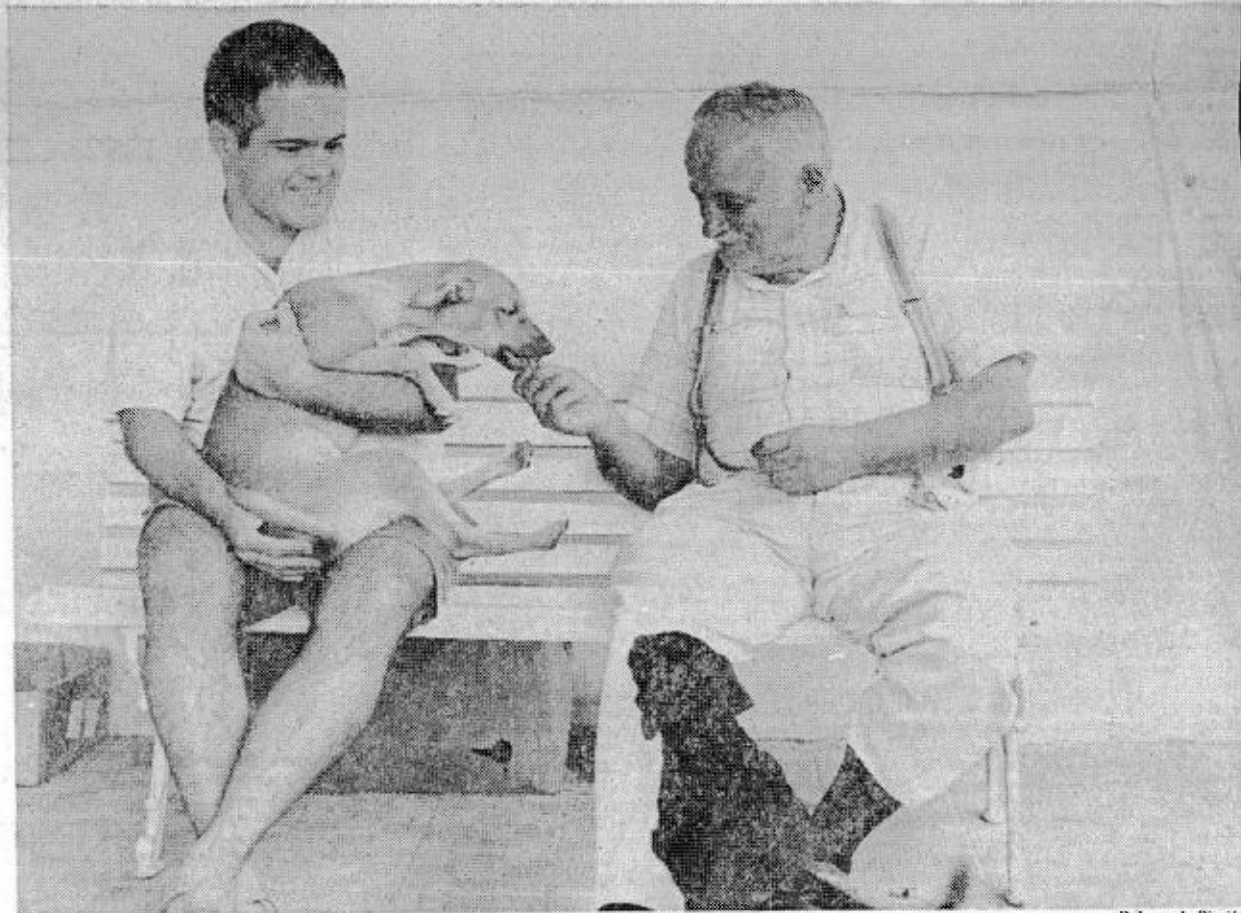
Inspirado na luta do psiquiatra italiano Franco Basaglia (1924-1980), o projeto de Delgado proíbe a construção de novos asilos psiquiátricos no País e pretende substituir a atual política de internação por outros recursos assistenciais. A criação dos chamados "lares abrigados", a exemplo da Casa Primavera, está prevista no texto do deputado. Segundo o psiquiatra Nacile Daldi Júnior, coordenador do Programa de Saúde Mental da Secretaria Municipal de Saúde, existem atualmente 365 hospitais psiquiátricos no Brasil (cerca de 80% deles conveniados com o Estado), um total correspondente a 20% dos leitos hospitalares do País. O Ministério da Saúde desembolsa hoje Cr\$ 1.700,00 para pagar a diária de cada paciente. Dez internos custam ao governo Cr\$ 510 mil por mês.

VÍNCULOS FAMILIARES

"Com esse dinheiro seria possível alugar uma casa e dar uma pequena ajuda de custo para o paciente", avalia Daldi Júnior. De acordo com a sua estimativa, cerca de 60% dos internos continuam vivendo em hospitais psiquiátricos porque perderam os vínculos

familiares e sociais. Para se ter uma idéia, dos 5.500 leitos psiquiátricos existentes em São Paulo, aproximadamente 2 mil são ocupados por pessoas que moram há mais de cinco anos no manicômio. Além da criação dos "lares abrigados", o organizador do encontro, Austregésilo Carrano, chama a atenção para outras prioridades do projeto antimanicomial: a criação de cooperativas para empregar o doente expulso do processo produtivo e a instalação de enfermagens psiquiátricas em todos os hospitais brasileiros.

A Casa Primavera foi criada depois que a prefeitura de Campinas fez um convênio de co-gestão com a entidade filantrópica que mantinha o Hospital Cândido Ferreira. Depois de pesquisar a situação de 204 pacientes, a equipe da prefeitura chegou à seguinte conclusão: 80% deles já tinham perdido os laços com a família. Um antigo salão de festas na área do Cândido Ferreira foi então transformado em moradia para 27 internos — pessoas que, embora relativamente restabelecidas, não eram aceitas pelas famílias. "O ideal seria que pudessem viver mais longe do Hospital", acredita a psicóloga Elony Conversano. "Esperamos aos poucos atingir essa meta".



Roberto de Biasi/AE

Pacientes do Hospital Cândido Ferreira: vida melhor para os que vivem em instituição aberta

Experiência é sucesso no Juqueri desde 84

A Casa Primavera não é a única moradia habitada exclusivamente por ex-internos de manicômios. Desde 1984, 160 antigos pacientes do Hospital Psiquiátrico Juqueri, em Franco da Rocha, estão aprendendo a dividir o espaço doméstico de quatro pavilhões que procuram reproduzir a estrutura de uma casa. As diferenças entre os dois modelos, no entanto, são muitas. Na Casa Primavera, moram homens e mulheres. No Juqueri, os dois sexos não podem conviver sob o mesmo teto. Por outro lado, alguns moradores das casas do Juqueri já trabalham fora da área do hospital. O mesmo ainda não ocorre em Campinas.

Todas as manhãs, um escriturário, uma diarista e uma faxineira de um hotel de grande porte deixam as suas casas, instaladas dentro do Juqueri, para enfrentar mais um dia de trabalho. Algumas ex-internas, porém, somente conseguem arrumar empregos como empregadas domésticas quando ocultam o fato de viverem no manicômio. "A nossa proposta é devolver a cidadania aos antigos pacientes", afirma o músico Luiz Gonzaga, auxiliar de Laboterapia e coordenador de uma das casas do Juqueri.

As moradoras do Juqueri

são totalmente responsáveis pela preparação da alimentação. A resistência em cozinhar é maior na Casa Primavera. "Estamos tentando mostrar aos antigos pacientes que eles não devem ser tutelados pela instituição", afirma a terapeuta ocupacional Rosa Maria Canniza, que trabalha na Primavera. Segundo a psicóloga Elony Conversano, muitos desses moradores não precisavam ter sido internados como doentes mentais. É o caso de Renato Ferraz Ignácio, de 28 anos, que sofre de epilepsia. "Eu vivo em hospitais psiquiátricos desde os 9 anos", ele revela.

Duas vezes por semana, essas pessoas se reúnem para discutir as suas atividades e a possibilidade de admitir novos moradores. Para viver na Primavera é preciso ter certa autonomia e saber desempenhar alguma tarefa. Maria Darci, que desconhece o seu sobrenome, só foi aceita pelos outros moradores depois de ter insistido em cuidar de um cachorro que apareceu no Hospital Cândido Ferreira. Ela não se sentia capaz de realizar nenhuma função na casa. Hoje, no entanto, acabou ficando responsável pelo tratamento de outros cães que também vivem ali. (L.A.)



Roberto de Biasi/AE-19/3/91

Equipe que atua na Casa Primavera: busca do convívio social



Roberto de Biasi/AE-19/3/91

Ana Lupiane: uma casa para cuidar, após 40 anos de internação